

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Universidade Dilacerada: Tragédia ou Revolta? Tempo de Reforma Neoliberal

Vera Formigli

Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA, Salvador, BA, Brasil

O livro “**Universidade dilacerada: tragédia ou revolta? Tempo de reforma neoliberal**” (Salvador: L.U. Pinheiro, 660p., 2004), de Luiz Umberto Ferraz Pinheiro, professor aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia, lançado recentemente nos Jardins da FAMEB, do Terreiro de Jesus, é um corajoso e contundente ataque ao processo de reforma neoliberal em curso na Universidade Pública Brasileira. Trata-se de uma reflexão, ao mesmo tempo radicalmente crítica e impregnada de afeto, de um intelectual militante pelo resgate do verdadeiro papel social da Universidade pública através da produção, difusão e aplicação do conhecimento, da formação e aperfeiçoamento de profissionais, contribuir para alterar o quadro de profundas exclusões e desigualdades presentes na sociedade brasileira.

A paixão e a militância não obscurecem a densidade e a consistência da análise, que desvenda e diseca a crise/tragédia (imminente ou já em curso) da Universidade Pública Brasileira e seus determinantes, evidenciando as suas relações com o processo geral de reestruturação do capitalismo no mundo e suas especificidades no Brasil. Um dos aspectos desenvolvidos pelo autor, por exemplo, é a progressiva adaptação do Estado brasileiro nos últimos anos às exigências dessa nova ordem, que tem repercutido perversamente nas universidades públicas, seja diretamente, pela redução do montante de recursos destinados à sua manutenção, seja pela aprovação e implementação de reformas como a administrativa e a da previdência, que abrem espaços para a privatização de funções públicas, retiram direitos dos servidores e tendem a fragilizar as políticas sociais.

Em seu processo minucioso de análise, Luiz Umberto consegue estabelecer as correlações entre

as macro-determinações e seus reflexos e desdobramentos no dia-a-dia da universidade pública brasileira. A concentração de poder, as desigualdades, os mecanismos de privatização interna e o culto à produtividade na universidade, entre outros aspectos, são descritos com uma extraordinária riqueza de exemplos concretos, muitos deles vividos, ouvidos ou sentidos pelo autor, que ilustram e dão materialidade à discussão teórica, amparada no referencial marxista.

No capítulo que o autor denomina de “Os labirintos da Universidade pública brasileira: ABC da Educação Superior”, alguns pontos chamam especialmente a atenção, como a discussão sobre as fundações internas de direito privado ao interior da Universidade Pública; para ele, criadas com a justificativa de captar recursos externos e agilizar procedimentos de pesquisa e extensão, estes organismos transformaram-se em verdadeiras instâncias paralelas à Universidade Pública, e têm-se constituído como impulsionadores dos processos de privatização interna, na medida em que viabilizam a venda e a cobrança de serviços, a contratação de pessoal através de mecanismos alheios à legislação do serviço público, promovendo a precarização e flexibilização das relações de trabalho na universidade pública e remuneração diferenciada em relação aos demais servidores.

Um outro aspecto abordado por Luiz Umberto, diretamente relacionado ao anterior, é a questão da expropriação privada dos hospitais universitários nas universidades públicas brasileiras. O autor aponta que, em crise decorrente do processo progressivo de desresponsabilização do Estado pela sua manutenção, os hospitais universitários têm recorrido à destinação de parte da sua capacidade para atendimento de

clientes particulares ou vinculados a plano de saúde privado, bem como ao mecanismo já citado da criação de fundações de direito privado visando à captação de recursos através da venda de serviços.

Estas medidas têm resultado em mudanças do verdadeiro sentido do hospital universitário e muitas vezes das próprias práticas médicas, na medida em que configuram praticamente dois hospitais num só espaço físico, com duas entradas, dois tipos de público, duas lógicas distintas. Sobre as duas entradas de pacientes nos hospitais universitários, vale reproduzir um trecho do texto de Luiz Umberto:

“De um lado, na antiga e anteriormente exclusiva entrada do hospital, os mesmos grupos e classe social: os andarilhos de chinelo, “pretos, mulatos, quase brancos”, pobres, que desde a constituição do hospital foram, pela necessidade, forçados a ofertar o corpo para o manuseio de alunos e professores, no aprendizado e na pesquisa. Antes “indigentes”, depois (1988) portadores de direito constitucional, hoje excluídos do acesso a equipamentos, recursos diagnósticos e terapêuticos, profissionais e setores significativos do hospital controlados por fundações e convênios especiais.

Do outro lado, na nova entrada, os modernos automóveis conduzindo a nova clientela bem vestida, com poder econômico e social, encaminhada por grandes empresas privadas, por convênios especiais, por planos de saúde e pela força da grana”.

Trata-se, enfim, da mercantilização das práticas acadêmicas refletida no âmbito do hospital universitário, reproduzindo a violência da profunda desigualdade social existente no Brasil.

Está muito bem evidenciado no texto de Luiz Umberto que não há conciliação possível entre os dois projetos hoje colocados para a universidade pública: aquele que reproduz, subordina-se e se põe cada vez mais a serviço da ordem dominante ou aquele que busca a transformação para contribuir na construção de uma sociedade mais justa e emancipada. Com clareza e lucidez, o autor demonstra inequivocamente a incompatibilidade entre a mercantilização das práticas acadêmicas, cada vez mais presentes nas universidades públicas brasileiras, e o exercício dos seus compromissos sociais e éticos com a maioria da

sociedade brasileira, em especial com os setores excluídos e os trabalhadores.

Negando-se a admitir a inexorabilidade do único caminho da subordinação ao poderio do mercado para a universidade pública brasileira e para a humanidade, em geral, em todo o decorrer do texto, o realismo e a crueza da descrição e da análise crítica convivem dialeticamente com as reais possibilidades de reação por parte dos sujeitos históricos, na universidade e fora dela, no sentido da construção de uma nova sociedade e de uma nova universidade, mais justas e generosas.

A militância que permeia todo o texto revela-se, especialmente, quando o autor discute saídas políticas de superação da crise/tragédia da universidade, identificando já presentemente sinais de seu esgotamento e, conseqüentemente, as possibilidades de reviravolta. Talvez para aqueles que ainda vivenciam no cotidiano da universidade, de forma muito próxima, os efeitos da introdução dos componentes elitistas, produtivistas e privatistas em todos os seus espaços e atividades, seja mais difícil perceber os indícios de fadiga do modelo atual. Por outro lado, a resistência dos sujeitos universitários, isolada e desorganizada, vista por dentro, parece também ainda bastante insuficiente no momento para confrontar os amplos e profundos efeitos da penetração do neoliberalismo nas cabeças, nos corações e nas práticas universitárias. Desse modo, tende a prevalecer a idéia de que ainda há bastante espaço para expansão do projeto neoliberal na universidade pública, agora reforçado com a presença de um governo que, contrariando as expectativas e aspirações da sociedade brasileira, vem dando continuidade e intensificando esse projeto.

Mas é exatamente aí que talvez resida a maior contribuição do autor, com as suas consistentes análises teórica e política. Esta percepção de alguém “de fora”, que nunca chegou, de fato, a sair da universidade, nos ajuda a elucidar o contexto, e a reforçar a convicção de que um novo projeto de universidade é possível. E que para isso, mais do que nunca, é necessário fortalecer internamente a luta dos universitários e ampliá-la externamente com outros sujeitos sociais que também sofrem hoje as conseqüências desse modelo perverso e injusto, para

que seja capaz de desconstruir o que já foi introduzido pela reforma neoliberal e enfrentar os desafios colocados para a superação rumo à democratização, no seu amplo e verdadeiro significado.

O livro de Luiz Umberto é denso e provocador. Convoca à reflexão, instiga à indignação e anima para a luta aqueles que acreditam que é possível uma universidade pública, autônoma, democrática e comprometida com as necessidades da maioria do povo brasileiro. Mais que isso: aponta caminhos e estratégias. Façamos, pois, universitários ou não, o melhor uso dele.